

## SENTENÇAS IMPESSOAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### IMPERSONAL SENTENCES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

JANAYNA CARVALHO<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais  
janaynacarvalho@gmail.com

Este texto discute características de diferentes tipos de sentenças impessoais do português brasileiro, entre elas impessoais com o clítico ‘se’, impessoais com pronomes pessoais como ‘a gente’ e ‘você’, impessoais com verbos flexionados na 3ª pessoa do plural e, finalmente, impessoais com verbos flexionados na 3ª pessoa do singular. Discutimos todos os casos mostrando características prototípicas desses tipos de sentenças impessoais na língua, levando em conta, por exemplo, as leituras genérica e existencial, a constituição em traços-phi desses pronomes e as especificações de tempo e aspecto licenciadas nessas sentenças. Em relação ao último caso (impessoais com verbos flexionados na 3ª pessoa do singular), relacionamos suas características a mudanças sintáticas que vêm ocorrendo nessa língua. Mostramos que os pronomes nulos impessoais nesse caso diferem de pronomes nulos pessoais e que esses dois grupos não podem, então, receber uma análise unificada.

**Palavras-chave:** sentenças impessoais, português brasileiro, sujeito nulo

In this article, we highlight key properties of different types of impersonal sentences in Brazilian Portuguese, including impersonals with clitic ‘se’, impersonals with personal pronouns, such as ‘a gente’ (we) and ‘você’ (you), impersonals with 3<sup>rd</sup> person plural verbs, and, finally, impersonals with 3<sup>rd</sup> person singular verbs. We show key characteristics of each impersonal type with respect to the possible readings of impersonal subjects, such as generic and existential readings; the phi-specification of these pronouns and the combinations of tense and aspect licensed in each impersonal sentence type. Regarding the last type (impersonal sentences with 3<sup>rd</sup> person singular verbs), we relate the characteristics

---

<sup>1</sup> Agradeço à Sandra Quarezemin, ao Francisco Ordóñez e ao Andrés Saab, pelo convite, a assessoria e agilidade na organização deste volume. Agradeço também à Alba Valência pelos e-mails com instruções para a segunda versão do manuscrito. Finalmente, gostaria de agradecer aos dois pareceristas e ao Andrés Saab que leram com cuidado o meu manuscrito e fizeram vários apontamentos. Os erros que porventura ainda estão nesta versão são de minha responsabilidade.

of these impersonal sentences to syntactic changes that have been occurring in BP, showing that null impersonal pronouns differ from null personal pronouns. Hence, those two types of pronouns cannot be treated in the same way.

**Keywords:** impersonal sentences, Brazilian Portuguese, null subjects

Recibido: 11 agosto 2020

Acceptedo: 11 octubre 2020

## 1. O QUE É UMA SENTENÇA IMPESSOAL?

A nomenclatura ‘sentenças impessoais’ é bastante ampla e pode ser usada para tipos sentenciais fundamentalmente diferentes<sup>2</sup>. Neste artigo, nos referimos a sentenças impessoais como aquelas em que sujeito denota um ou mais participantes desconhecidos, como exemplificamos de (1) a (6).

1. *pro* Bateram na porta.
2. Vende-*se* sapato.
3. Chegar lá é fácil: *você* vira à direita, é a segunda casa.
4. Aqui *pro* vende cigarro barato.
5. Aqui *pro* pode estacionar?
6. Como que *pro* escreve essa palavra?

Todas essas sentenças se circunscrevem a essa definição. Todavia, examinando com cuidado os exemplos, percebemos uma primeira diferenciação entre todos esses tipos de sentenças impessoais. Com exceção de (3), todas as sentenças podem ser usadas para se referir tanto a uma ou mais pessoas desconhecidas e isso não causa mudança na morfologia verbal de número. Em (1), por exemplo, não sabemos se uma ou mais pessoas bateram na porta, mesmo que o verbo esteja flexionado para o plural. Da mesma forma, o clítico ‘se’ pode ser usado em (2) independentemente de quantas pessoas se tem em mente. O mesmo vale para (4), (5) e (6). (3) é a única sentença diferente nesse aspecto: o pronome *você* se refere a somente uma pessoa, mesmo em sua acepção impessoal.

Esse é um exemplo de uma pequena diferenciação entre os tipos de sentenças impessoais e, como veremos no decorrer do texto, há muitas outras. Embora as línguas possuam, de modo geral, mais de um tipo de estratégia impessoal, cada estratégia tem suas especificidades. Para discriminar essas estratégias, além de fazer uso de noções como tempo e aspecto, que são muito úteis para a distinção de tipos de impessoais em muitos casos, também devemos prestar atenção na leitura do sujeito impessoal, o tópico da próxima subseção.

---

<sup>2</sup> Este artigo não tratará de sentenças como ‘Choveu muito ontem’, que são também referidas como impessoais algumas vezes na literatura. O fenômeno da impessoalidade aqui descrito – referência a uma ou mais pessoas desconhecidas que participam de um evento – é fundamentalmente distinto de sentenças cuja posição de sujeito é ocupada por um *pro* expletivo ou por elementos não-argumentais. Por isso, apesar da coincidência de designações, trabalharemos só com sentenças em que o elemento na posição de sujeito recebe uma interpretação de participante do evento descrito pelo verbo.

### 1.1. Leituras genérica e existencial

Nesta seção, comentaremos sobre uma diferenciação básica de leitura de sentenças impessoais. A subdivisão mais básica que podemos fazer é em termos de leituras impessoais existenciais e genéricas. Como o nome diz, a interpretação existencial<sup>3</sup> assevera que existe alguém que faz ou pode, eventualmente, fazer aquela ação. É importante salientar que a interpretação existencial geralmente exclui o falante como um participante da sentença. Isso pode ser exemplificado pela sentença (7). Perceba que não é possível, nesse caso, conceber o próprio falante como sendo parte desse conjunto. Isso se dá porque leituras existenciais referem-se a pessoas que não participam do discurso (i.e. a 3ª pessoa)<sup>4</sup>.

7. Contrataram a Ana.

A segunda leitura possível é a leitura genérica, que engloba a todos, inclusive falantes e ouvintes. A sentença (2), acima, repetida em (8), é um exemplo de leitura genérica. Veja que o entrevistado, nesse caso, fala que uma grande parte ou todas as pessoas que precisam de dinheiro vendem sapato para sobreviver. Uma vez que o entrevistado seja qualificável como parte desse grupo (seja uma pessoa com idade considerada adequada para trabalhar e que faça parte da comunidade), o clítico ‘se’ permite que ele faça também parte dessa referência.

8. Repórter: Depois da guerra, o que vocês fazem aqui para ganhar dinheiro?

Entrevistado: Sobraram poucas ocupações. Basicamente, vende-se sapato para sobreviver.

Cinque (1988) nota que construções impessoais com ‘se’, que chamarei de agora em diante de ‘se’-impessoais, têm leituras diferentes dependendo de combinações de tempo e aspecto. Assim, enquanto ‘vende-se sapato’, em (8), tem leitura genérica, uma pequena mudança de tempo verbal e aspecto muda a referência de ‘se’, que passa a ser existencial em (9).

9. Vendeu-se sapato.

Observe que, em (9), estão excluídos o falante e o ouvinte da referência do pronome impessoal. Isso fica particularmente claro quando encaixamos (9) no contexto em (8). Compare (10) com (8). Em (10), é muito mais difícil incluir o falante como uma das pessoas que vendeu sapato.

10. Repórter: Depois da guerra, o que vocês fizeram aqui para ganhar dinheiro?

Entrevistado: Sobraram poucas ocupações. De 1946 a 1950, vendeu-se sapato para sobreviver. De 1950 em diante,...

<sup>3</sup> Também chamada de indefinida ou arbitrária em alguns estudos. Uma vez que ‘indefinido’ e ‘arbitrário’ são também adjetivos usados como sinônimos de sentenças impessoais de modo geral, usaremos a nomenclatura ‘existencial’ para leituras que geralmente excluem o falante e o ouvinte.

<sup>4</sup> Alguns autores têm distinções mais finas, como quasi-existencial, quasi-genérica, além de outras classes. Citaremos, por exemplo, o trabalho de Cabredo-Hofherr (2003) que argumenta pela existência de pelo menos 5 classes (ver seção 2.2). De forma geral, os contrastes que queremos mostrar ficam suficientemente nítidos usando-se somente a bipartição existencial e genérico, por isso usaremos somente essa subdivisão de leituras, a não ser que estejamos discutindo a proposta de algum autor.

A possibilidade de ter tanto leituras existenciais quanto genéricas não é inerente a todos os pronomes que participam de sentenças impessoais. Nos casos de pronomes que podem ter as duas leituras, como o ‘se’, cada uma das leituras é modelada por fatores sentenciais, como tempo e aspecto. A comparação entre (8) e (10) deixa isso claro.

Por outro lado, pronomes pessoais usados em sentenças impessoais têm um comportamento muito menos flexível. Assim, os pronomes ‘você’ e ‘a gente’, em (11) e (12), respectivamente, podem ser somente interpretados como impessoais em contextos genéricos. Por contraposição, os mesmos pronomes, em (13) e (14), só podem ter leitura definida.

11. É duro isso. Quando você faz tudo isso e recebe um não como resposta.
12. É duro isso. Quando a gente faz tudo isso e recebe um não como resposta.
13. Foi duro isso. Quando você fez tudo isso e recebeu um não como resposta.
14. Foi duro isso. Quando a gente fez tudo isso e recebeu um não como resposta.

Ou seja, pronomes pessoais, quando usados em sentenças impessoais, somente terão leitura genérica e serão, assim, somente compatíveis com aspecto imperfectivo, como se vê em (11) e (12). Se o verbo estiver no pretérito perfeito, a única leitura possível é a pessoal.

Estabelecido que um pronome impessoal introduz um ou mais participantes desconhecidos no evento e que, de forma ampla, há duas leituras que esses pronomes podem ter, passamos nas seções seguintes a estratégias impessoais do PB. Na seção 2, falamos de algumas particularidades de impessoais com o clítico ‘se’, exemplificadas como (2) acima. Na seção 3, discutiremos sobre o uso de pronomes pessoais como estratégia impessoal exemplificada em (3). Na seção 4, discutimos a estratégia de impessoalização, em (1) acima, que consiste em um verbo flexionado para a 3ª pessoa do plural e um sujeito (quase sempre) nulo. Por fim, na seção 5, discutiremos sobre sentenças impessoais em que o verbo está flexionado para a 3ª pessoa do singular e o sujeito é nulo, do qual (4), (5) e (6) são exemplos. Essa última estratégia é bastante discutida na literatura atual por estar, possivelmente, relacionada a mudanças paramétricas no português brasileiro (doravante, PB). Por isso, discutiremos as particularidades dessa estratégia com mais detalhe, com destaque para um de seus subtipos. A seção 6 conclui o texto.

## 2. SUJEITO IMPESSOAL NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E NO PB: ‘SE’-IMPESSOAIS

### 2.1. ‘Se’-impessoais: principais características

Sentenças impessoais com o clítico ‘se’ (‘se’-impessoais) são descritas como a principal forma de impessoalização nas línguas românicas. Embora haja considerável diferença sobre as estratégias impessoais que francês, italiano, português, espanhol e romeno possam ter, todas essas línguas têm ‘se’-impessoais. (15) exemplifica sentenças ‘se’-impessoais no PB. De um ponto de vista descritivo, as ‘se’-impessoais se caracterizam por ter como sujeito o clítico ‘se’. ‘Se’-impessoais podem ou não ter um argumento interno. (15a) ilustra um caso em que um verbo transitivo é usado e o argumento interno é ‘sapato’. (15b) apresenta um exemplo com um verbo inergativo, portanto sem argumento interno.

15. a. Conserta-se sapato.  
b. Trabalha-se muito aqui.

O clítico ‘se’ apresenta algumas particularidades que o faz ser agrupado com pronomes pessoais de outras línguas. Egerland (2003) observa que, tal como ‘man’ e ‘on’, pronomes pessoais do alemão e do francês respectivamente, ‘se’ apresenta as seguintes características:

- Leituras genéricas e existenciais são possíveis;
- A concordância de ‘se’ com um elemento predicativo no singular ou no plural depende do contexto;
- Em contextos com tempo especificado, sentenças com o clítico ‘se’ têm interpretação inclusiva e não mais impessoal.
- ‘Se’ não pode ser um objeto sintático.

Para fazer essas generalizações, o autor estudou em detalhe dados do italiano. Usaremos, então, suas generalizações para a comparação com os dados do ‘se’ em PB. Isso nos ajudará a comentar algumas particularidades da derivação sintática de ‘se’-impessoais nessa língua.

Em relação às leituras genéricas e existenciais serem possíveis com ‘se’, isso também se verifica em PB (*cf.* (8) e (10) na seção 1).

A segunda generalização sobre o comportamento do ‘se’ seria sobre o seu padrão de concordância com elementos predicativos, que pode ser atestado em virtude dos outros elementos que ocorrem na sentença. Egerland (2003) observa que, em italiano, ‘se’ pode se combinar com um adjetivo flexionado para masculino e plural em posição predicativa, como (16) mostra:

16. Quando si è giovani, ... (Egerland 2003:79)<sup>5</sup>  
quando se è jovens  
‘ \*Quando se é jovens...’

Veja que a tradução de (16) para o PB é agramatical, indicando uma diferença entre essas duas línguas nesse caso. Todavia, o PB se comporta como o italiano em permitir concordância variável de gênero com ‘se’. Assim, as traduções de (17) e (18) são ambas bem-formadas em PB.

17. a. Quando si è donne, no (Egerland 2003:79, adaptado)  
quando se é mulher, não  
si è disposte a rinunciare a molte cose.  
*se* está *disposta*<sub>FEM</sub> a renunciar a muitas coisas  
‘Quando se é mulher, se está disposta a renunciar a muitas coisas.’

<sup>5</sup> As glosas e traduções dos exemplos são minhas a não ser quando indicado.

- b. Quando si è il presidente degli Stati Uniti, ... (Egerland 2003:79)  
 quando se é o *presidente*<sub>MASC</sub> dos Estados Unidos, ...  
 ‘Quando se é o presidente dos Estados Unidos, ...’

Em relação à possibilidade de leitura existencial com tempo especificado, temos, novamente, diferenças entre o português do Brasil e o italiano. Nesta língua, sentenças impessoais no pretérito perfeito podem ter duas leituras: a leitura existencial (que exclui falante e ouvinte) e a leitura inclusiva que equivale ao uso dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘a gente’ em PB. A leitura inclusiva só aparece se não houver argumento externo. Assim, (18a) e (18b) possuem leituras existenciais tanto para o italiano quanto para o PB. Por outro lado, o italiano apresenta leituras inclusivas (isto é, compatíveis com a referência de um pronome de 1ª pessoa do plural) em (18c) e (18d), enquanto o PB apresenta leituras existenciais em (18c). (18d) é malformada em PB por questões independentes. No PB, a leitura inclusiva é impossível em qualquer uma dessas sentenças.

18. a. Ieri alle cinque, si è arrestato il colpevole. (PB/It.: existencial)  
 ontem às cinco se é prendido o culpado  
 ‘Ontem às cinco, prendeu-se o culpado.’
- b. Si è lavorato per due mesi per risolvere il problema. (PB/It.: existencial)  
 se é trabalhado por dois meses para resolver o problema  
 ‘Trabalhou-se por dois meses para resolver o problema.’
- c. Ieri pomeriggio si è arrivati in orario. (It. Inclusiva/PB:existencial)  
 ontem de tarde se é chegado em horário  
 ‘Ontem à tarde nós chegamos no horário.’ (It)  
 ‘Ontem à tarde chegou-se no horário.’ (PB)
- d. Ieri sera si è stati licenziati. (It. Inclusiva/PB:\*existencial)  
 ontem à noite se é estado despedidos  
 ‘Ontem à noite nós fomos despedidos.’ (It)  
 ‘\*Ontem à noite, foram-se despedidos.’ (PB)

Por último, o clítico ‘se’, quando impessoal, não pode ser objeto do verbo nem em italiano nem em PB. Assim, uma sentença como (19) é agramatical nas duas línguas. A única interpretação possível para a sentença em (19) é a recíproca, que não nos interessa aqui.

19. \*Loro si hanno visto. (Egerland 2003:91)  
 eles se têm visto.  
 ‘\*Eles têm se visto.’

Examinando essas características, Egerland (2003) assume que o clítico ‘si’ faz parte dos pronomes subespecificados, tal como ‘man’ e ‘on’, pois todos esses elementos se comportam de

forma semelhante em relação à concordância e à posição sintática. O comportamento desse clítico mostra que ele não é especificado para número. Dessa forma, ele não concorda em número com o verbo. De forma análoga, o fato de tal clítico ser compatível com adjetivos predicativos no singular ou no plural reforça que não há uma especificação de número nesse clítico e ele é, portanto, compatível com qualquer especificação do adjetivo predicativo. O mesmo vale para a especificação de gênero. A única especificação que esse clítico teria mesmo é o de pessoa, já que é um clítico usado para entidades animadas.

Acreditamos que a mesma análise possa se estender ao PB, muito embora essa língua não permita que adjetivos plurais apareçam em sentenças com ‘se’. Mais do que atribuir essas características a alguma idiosincrasia do clítico ‘se’, é possível que sentenças com esses clíticos envolvam uma categoria nula na posição de sujeito (*cf.* Rizzi 1986, Cinque 1988). Assim, as diferenças entre o italiano e PB, por exemplo, poderiam estar relacionadas à especificação dessa categoria nula. A categoria nula na posição de sujeito do PB seria somente singular, o que não permitiria a concordância com adjetivos predicativos plurais.

A comparação entre ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas na próxima seção vai também embasar a existência de um pronome nulo acompanhando o ‘se’ em sentenças impessoais e passivas do PB.

## 2.2. O que ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas revelam sobre o PB?

Antes que finalizemos nossa descrição do clítico ‘se’ em sentenças impessoais, é importante discutirmos um pouco as sentenças passivas com esse mesmo clítico (‘se’-passivas, daqui em diante). Como veremos abaixo, há autores que defendem que ‘se’-passivas são, tal como o nome indica, sentenças passivas. Outros autores afirmam que elas sejam sentenças impessoais tais como as que vimos na seção 2.1, mas com um mecanismo específico de concordância. Independentemente da posição que se assume, ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas são intimamente relacionadas. No PB, a (quase) extinção de ‘se’-passivas levou a um crescimento de uso de ‘se’-impessoais, por isso apresentamos as relações entre esses dois tipos sentenciais abaixo.

Do ponto de vista da transitividade, ‘se’-impessoais podem ser formadas com verbos intransitivos e transitivos indiretos-como (20) e (21) mostram.

20. Vive-se bem nesse bairro.

21. Precisa-se de mecânicos.

O aspecto crucial de sentenças ‘se’-impessoais seria o fato de o verbo não concordar com o argumento interno. Isso, inclusive, possibilita que verbos que não tenham argumento interno, como ‘viver’, sejam licenciados em ‘se’-impessoais. É possível, então, diferenciá-las de construções bastante parecidas, como a sentença em (22), que só difere de (15), ‘Conserta-se sapatos’, em virtude da concordância com o argumento interno.

22. Consertam-se sapatos.

(22) é um exemplo do que tradicionalmente se chama de passiva sintética (‘se’-passiva na nossa nomenclatura). Essa estrutura se parece bastante com sentenças ‘se’-impessoais, mas se diferencia destas em dois aspectos. Em ‘se’-passivas, o verbo concorda com o argumento interno. Assim, (15) e (22) receberiam classificações diferentes somente pela presença ou não de concordância. Nas ‘se’-passivas, a presença do argumento interno é compulsória, por isso

(20) e (21) não podem ser classificadas como ‘se’-passivas. Em (20), não há argumento interno e em (21) o verbo não pode concordar com um sintagma nominal dentro de um PP.

Dadas essas diferenças entre as duas construções, fica claro que o clítico ‘se’ em ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas não pode ter a mesma análise. Geralmente, assume-se que é o clítico ‘se’ quem recebe Caso nominativo em sentenças impessoais, enquanto em sentenças passivas o argumento interno é quem recebe Caso nominativo, o que é sinalizado pela concordância do verbo com esse constituinte. Isto é, ‘se’-passivas se assemelham a passivas analíticas em que o argumento interno torna-se gramaticalmente um sujeito. A diferença entre ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas está esquematicamente representada em (23) e (24):

23. (pro<sub>NOM</sub>) Conserta-se<sub>NOM</sub> sapato<sub>ACC</sub>. (‘se’-impessoal)

24. Consertam-se sapatos<sub>NOM</sub>. (‘se’-passiva)

(23) mostra que, em ‘se’-impessoais, o clítico ‘se’ recebe nominativo e que, potencialmente, esse caso é atribuído em uma cadeia estabelecida entre um elemento nulo na posição de Spec,TP e o clítico (*cf.* Nunes 1990, entre outros), já o DP ‘sapato’ recebe Caso acusativo. A morfologia verbal de ‘se’-impessoais será sempre, então, de 3ª pessoa do singular, em virtude da sua concordância com *pro* e/ou o clítico ‘se’. Já em (24), o clítico ‘se’ é considerado somente um marcador de mudança de diátese ou reflexividade (*cf.* Dobrovie-Sorin 1998, por exemplo). Nesse caso, ele não possui status argumental e, para alguns autores, absorveria Caso acusativo do verbo (*cf.* Duarte 2003). Como passivas não possuem argumento externo, a derivação que dá origem a (24) não tem *pro* em sua numeração e a única opção para a flexão valorar seus traços é a concordância com o DP ‘sapatos’. Esse DP está no plural, por isso a flexão do verbo também é 3ª pessoa do plural.

Como vemos, a diferenciação entre ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas ‘se’ baseia em dois tipos de critérios. Um tipo de critério é estrutural: o tipo de verbo usado (transitivo direto, transitivo indireto ou intransitivo) e de com que elemento se faz concordância. O segundo critério é baseado em uma aparente multifuncionalidade do clítico ‘se’, que ora é argumental e recebe Caso, como em ‘se’-impessoais, ora é um marcador de diátese, como em ‘se’-passivas. Algumas línguas, como o romeno, podem ter somente uma dessas construções. Essa língua só possui ‘se’-passivas, isto é, a flexão do verbo sempre tem os mesmos traços-phi do DP que o segue. Consequentemente, verbos intransitivos e transitivos indiretos não podem ser acompanhados por ‘se’. Isso reforça a ideia de que sentenças como ‘conserta-se sapato’ e ‘consertam-se sapatos’ são fruto de derivações sintáticas distintas.

Todavia, há também na literatura trabalhos como os de Raposo e Uriagereka (1996), que afirmam que tanto ‘se’-impessoais quanto ‘se’-passivas são sentenças ativas pelo menos no português europeu (PE). A argumentação dos autores gira em torno de algumas assimetrias entre ‘se’-passivas e passivas analíticas, estas formadas com o verbo auxiliar ‘ser’ e o particípio. Uma dessas assimetrias é a possibilidade de o DP ser anteposto em ambientes de infinitivo flexionado. (25b), abaixo, ilustra que isso é possível com passivas analíticas, enquanto (26b) mostra que a anteposição desse mesmo DP é impossível com ‘se’-passivas.

25. a. Vai ser difícil serem aceites os documentos.

b. Vai ser difícil os documentos serem aceites.



26. a. Vai ser difícil aceitarem-se os documentos.  
 b. \*Vai ser difícil os documentos aceitarem-se. (Raposo e Uriagereka, 1996:754)

A comparação entre (25b) e (26b) sugere, então, que o DP ‘os documentos’ não se comporta da mesma forma em presença do infinitivo flexionado, quando é usado em uma passiva analítica e em uma ‘se’-passiva. Isso coloca sob suspeita o rótulo de passivas para as construções em (26).

Outra diferença entre essas duas construções é exemplificada pelo uso de nomes nus. Em PE, nomes nus só podem ser usados se forem objetos do verbo; não podem ser sujeitos. Assim, enquanto (27) é uma sentença bem-formada porque *salsichas* é objeto, (28) e (29) são sentenças agramaticais, porque os nomes nus não podem estar em posição de sujeito.

27. O Nestor compra salsichas no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka 1996:760)  
 28. \*Salsichas custam caro no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka 1996:760)  
 29. \*Salsichas são compradas *t* no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka 1996:760)

(30) mostra que o DP anteposto ao verbo pode ser um nome nu em ‘se’-passivas. Essa possibilidade, em uma língua que restringe fortemente nomes nus em posições não-regidas, põe em xeque a classificação de ‘salsichas’ como um sujeito e, conseqüentemente, a classificação de (30) como passiva. Dado esse paradigma, a gramaticalidade de (30) não indicaria, então, que ‘salsichas’ é um objeto deslocado?

30. Salsichas, vendem-se no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka 1996:761)

Com base nessas evidências (e outras), os autores assumem que as chamadas ‘se’-passivas<sup>6</sup> são, na verdade, sentenças ativas em que o DP pode ocupar uma posição de tópico. Assim, há ainda mais uma possibilidade a ser considerada: a diferença entre o que tradicionalmente se chama de ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas pode ser, somente, uma diferença de mecanismo de concordância e não, realmente, uma diferença de significado e de itens lexicais nas construções<sup>7</sup>.

Apresentadas brevemente essas duas perspectivas, levemos em conta os dados do PB novamente. Como se sabe, as ‘se’-passivas não são mais encontradas na fala coloquial nessa língua. Elas estão praticamente confinadas à língua escrita. Como Naro (1976) mostrou, ‘se’-impessoais são diacronicamente posteriores a ‘se’-passivas no português. (31b) só começa a aparecer no século XVI e se torna muito mais frequente no PB do que seu precursor, (31a).

31. a. Vendem-se casas.  
 b. Vende-se casas.

<sup>6</sup> Tendo em vista que essa nomenclatura de passivas para essas construções já é consagrada, continuarei me referindo a essas sentenças desta forma.

<sup>7</sup> Para o espanhol, vejam-se as propostas de Pujalte e Saab (2014), Pujalte (2020) e Ormazabal e Romero (2020) que também argumentam que a diferença entre ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas sejam em termos de concordância.

Nunes (1990) argumenta que a substituição de (31b) por (31a) no sistema se dá com o aumento da ordem SV no PB. Com isso, dados potencialmente ambíguos como (32), que pode corresponder a duas derivações diferentes, (32a) e (32b), foram reinterpretados como sendo sempre exemplares da derivação em (32a), ou seja, elas são indubitavelmente sentenças em que o verbo não concorda com o DP que o segue, mas com um sujeito foneticamente nulo.

32. Conserta-se sapato
- a. (pro<sub>NOM</sub>) Conserta-se<sub>NOM</sub> sapato<sub>ACC</sub>.  
– derivação impessoal: o verbo concorda com um elemento nulo e com ‘se’; ‘sapato’ recebe Caso acusativo.
  - b. Conserta-se sapato<sub>NOM</sub>.  
– derivação passiva: o verbo concorda com o DP ‘sapato’, ‘se’ é somente uma marcação de voz passiva.

Assim, embora ainda se ensine que o PB é uma língua com ‘se’-passivas, construções como (31a) só aparecem em idade escolar, mostrando que a escola é a responsável por apresentá-las às crianças. Por consequência, como todo conhecimento apresentado pela escola, as chamadas ‘se’-passivas do PB possuem algumas particularidades que não se observam em outras línguas em que essas construções são abundantes na fala coloquial. (33) é impossível em PB. A única interpretação que essa sentença pode ter é de que os sapatos consertam a si mesmos, o que é incompatível com a leitura (impessoal ou passiva) que se esperaria, além de ser pragmaticamente improvável.

33. Esses sapatos consertam-se.

Curiosamente, não é isso que se observa em outras línguas, nas quais o DP em ‘se’-passivas pode tanto estar anteposto quanto posposto ao verbo, sem prejuízo para a inteligibilidade da sentença.

34. Os bolos comem-se. (Eliseu 1984 *apud* Nunes 1990:62)
35. Essas salsichas compraram-se ontem no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka 1996:750)
36. Qui, gli spaghetti si magiano spesso. (Cinque 1988:554)  
aqui os espaguetes se comem muito  
‘Aqui, geralmente, comem-se espaguetes.’

Em suma, assumindo-se ou não uma derivação diferente para ‘se’-impessoais e ‘se’-passivas, o PB se diferencia da maioria das línguas românicas no sentido de ter generalizado o uso da primeira estratégia para casos em que outras línguas usam ‘se’-passivas.

Se adotarmos a análise de Nunes, ficamos com mais subsídios para dizer que impessoais possuem uma categoria nula com a qual concordam, análise a que aludimos no final da seção 2.1. Contudo, essa mudança não significa que ‘se’-impessoais tenham ficado muito frequentes. Como a literatura também já notou, o uso de ‘se’-impessoais é reduzido no PB (*cf.* Barbosa,

Kato e Duarte 2003).<sup>8</sup> Outras estratégias mais comuns são o uso de pronomes pessoais em sentenças impessoais, discutido na seção 3, e sentenças com um sujeito nulo e verbos flexionados para a 3ª pessoa do singular, como se discutirá na seção 5.

### 3. SUJEITO IMPESSOAL COM PRONOMES PESSOAIS NO PB

Pronomes pessoais também podem ser usados como impessoais. Embora tal estratégia tenha recebido atenção na literatura e seja, por vezes, relacionada com o decréscimo do sujeito nulo no PB, o uso de pronomes de 2ª pessoa (do singular e do plural) e de 1ª pessoa do plural em sentenças impessoais é comum em várias línguas, sejam elas línguas de sujeito nulo consistente ou não.

O uso de pronomes de 2ª pessoa, mais especificamente, é comumente restrito a contextos genéricos (*cf.* Egerland 2003, para (algumas) línguas germânicas e românicas). Segundo Malamud (2012), esses usos são dependentes de dois componentes: simulação de contextos e advérbios genéricos. Para a autora, o ouvinte é convidado a simular seu papel de ouvinte em outras situações e outras épocas, o que é responsável pela leitura genérica que ocorre nesses casos. Adicionalmente, essas leituras são normalmente dependentes de advérbios de quantificação, que podem influenciar um pouco a leitura do pronome pessoal. Considere o exemplo em (37), em que a referência de ‘você’ genérico pode mudar a depender do advérbio utilizado na sentença. Esse exemplo é inspirado em Malamud (2012:14, ex.15).

37. Naquela época, você sempre/normalmente/raramente/de vez em quando vivia até os 60.

Em (37), a interpretação de ‘você’ é sempre genérica, mas a quantidade de pessoas desse grupo genérico varia de acordo com o advérbio usado. Ou seja, ‘você’, nessa sentença, está se comportando como um indefinido (*cf.* Lewis, 1975). Se o advérbio for ‘raramente’, formando, assim, a sentença ‘Naquela época, você raramente vivia até os 60’, a interpretação é de que poucas pessoas viviam até os 60. Por outro lado, se o advérbio for ‘sempre’, a interpretação é de que todas as pessoas viviam até os 60. Esse mesmo efeito do advérbio de quantificação é observado em outras línguas, como o inglês (*cf.* Malamud, 2012).

(38), abaixo, mostra que essa leitura impessoal é impossível na ausência desses advérbios e de genericidade. A única leitura para essa sentença é a dêitica. Isso mostra que é inadequado pensar que há, por exemplo, um pronome ‘você’ pessoal e um impessoal no léxico das línguas. A leitura impessoal é formada a partir de alguns elementos sentenciais.

38. Ontem você chegou tarde.

As estratégias de usar um advérbio de quantificação – explícito ou implícito – e a simulação de contextos podem ser exemplificadas por outros pronomes pessoais do PB, quando usados como impessoais. Consideremos, por exemplo, os pronomes de 1ª pessoa do plural a seguir:

39. (Nós) comemos bem na Itália.

---

<sup>8</sup> Por motivos de espaço, não vou discutir ‘se’-impessoais com verbos no infinitivo neste artigo. Consulte-se Cavalcante (2006) para uma discussão aprofundada sobre o tema.

A sentença (39) é ambígua, apresentando uma interpretação dêitica e uma impessoal. Na interpretação dêitica, a sentença se refere a um fato episódico, isto é, o falante já esteve/está na Itália e ele faz parte de um grupo de pessoas que se alimenta bem no país. Na interpretação impessoal, a sentença é interpretada genericamente, significando algo como ‘sempre que estamos na Itália nos alimentamos bem’. Também, nesse caso, há um advérbio de quantificação implícito ‘sempre’, que está aliado à interpretação genérica da sentença. Por último, para que a leitura impessoal se obtenha, a interpretação de ‘nós’ se refere a um grupo de pessoas menos definido do que o pronome pessoal; por exemplo, ‘os brasileiros em geral’.

O mesmo pacto que Malamud observou em sentenças em que o pronome de 2ª pessoa é usado como impessoal se observa aqui: o uso de pronomes ‘nós’ mantém a noção de grupo, mas esse grupo é convidado, dadas as outras características da sentença que suspendem o ancoramento dêitico, a simular-se como participante de outros eventos. Dessa forma, se a sentença em (39) for interpretada no passado (‘comemos’ é uma forma sincrética para o presente do indicativo e o pretérito perfeito), a leitura dêitica se sobressai. Nesse caso, ‘nós’ não tem mais a leitura impessoal, só a dêitica. O mesmo vai se aplicar para o uso impessoal do pronome de 1ª pessoa ‘a gente’.

Lunguinho e Medeiros Júnior (2009) mostram que expressões nominais também podem ser usadas como estratégias impessoais, tais como os exemplos abaixo, retirados do artigo desses autores, mostram.

40. Quando *a pessoa* vai lá, não tem ninguém para atender.
41. *O cara* vem aqui para se consultar e o médico nunca está.
42. *O pessoal* vem, come pra caramba e ainda sai reclamando.

(Lunguinho e Medeiros Júnior 2009:9)

Perceba que o mecanismo pelo qual esses sintagmas nominais ganham uma interpretação genérica não difere daquele ilustrado para os pronomes pessoais. As sentenças de (40) a (42) são também, como as que vimos anteriormente, genéricas. Além disso, elas também podem ser analisadas como tendo um advérbio de quantificação encoberto (‘sempre’), que é responsável pela leitura que temos dessas expressões. Nas três sentenças, embora tenhamos descrições definidas singulares (‘a pessoa’, ‘o cara’, ‘o pessoal’), a leitura correspondente ~~que temos~~ é de que todas as pessoas ou pessoas em geral farão o que é descrito pelo verbo. Mais uma vez, essa leitura é fruto da relação dessas descrições definidas com o advérbio de quantificação e a genericidade da sentença. Em (40), por exemplo, o sintagma ‘a pessoa’ não se refere a uma pessoa específica, sobre a qual o falante e o ouvinte conversam, mas a uma entidade na 3ª pessoa que possa ser transposta para outras situações.

Embora o uso de sentenças genéricas e advérbios de quantificação seja uma estratégia bastante frutífera para a impessoalização de sentenças, ela não pode ser usada com qualquer pronome pessoal. Os pronomes pessoais de 3ª pessoa do singular, por exemplo, não se comportam como os pronomes e os sintagmas nominais lexicais exemplificados acima. A sentença em (43), abaixo, não pode ter uma interpretação impessoal mesmo se os ingredientes das sentenças acima forem mantidos, quais sejam: sentença genérica e advérbio de quantificação que, abaixo, está explícito.

43. Ele sempre lava sofá.

Em (43), não há como interpretar que ‘ele’ se refere a pessoas que excluem o falante e o ouvinte de forma geral. O pronome ‘ele’, em (43), só pode ter uma interpretação definida. Verbos flexionados para 3ª pessoa do plural também não se comportam como ‘você’, ‘a gente’ e ‘nós’ para receber leituras impessoais. A distribuição dessa estratégia impessoal é mais complexa e, por isso, é tratada na seção 4.

#### **4. SUJEITO IMPESSOAL ZERO NO PB: VERBO FLEXIONADO PARA 3ª PESSOA DO PLURAL**

Nesta e na próxima seção, lidamos com sentenças impessoais em que o sujeito é não pronunciado. Nesta seção mais especificamente, discutimos sentenças impessoais em que o verbo aparece flexionado para a 3ª pessoa do plural. Um exemplo dessa estratégia está em (44).

44. Comeram um pastel.

Cabredo-Hofherr (2003) argumenta que essa estratégia é dependente de um tipo deficiente de 3ª pessoa do plural. Ou seja, a morfologia verbal nessas sentenças não equivale àquela de sentenças regulares do PB (ou de qualquer outra língua) em que o verbo flexionado para a 3ª pessoa do plural tem traços de pessoa e número. (44) exemplifica isso muito bem, já que a referência, nesse caso, pode ser a uma única pessoa, mesmo que o verbo esteja no plural. Assim, (44) continua plausível se estiver em um contexto como o seguinte: ‘Comeram um pastel. Acho que foi a Ana’. Nesse sentido, (44) contrasta com uma sentença como (45), abaixo, em que a referência é mesmo a um conjunto de pessoas sobre as quais se fala. Na abordagem de Cabredo-Hofherr, a morfologia verbal de um exemplo como (45) não é deficiente como a que vimos em (44). Quando a morfologia não é deficiente, a interpretação do sujeito (nulo ou não) é dêitica.

45. Eles vieram na sexta.

Em relação às leituras evocadas por essa estratégia, verbos flexionados para a 3ª pessoa do plural possuem leituras existenciais e genéricas. (44) apresenta uma leitura existencial, que, como vimos, exclui o falante e o ouvinte. Em (46), contudo, essa mesma estratégia leva a uma leitura genérica do sujeito.

46. Em São Paulo, dirigem como loucos.

Cabredo-Hofherr (2003) ressalta que as leituras existencial e genérica não são variações contextuais baseadas no caráter episódico ou genérico da sentença, como vimos ser o caso com o clítico ‘se’. (47) e (48), traduzidos e adaptados a partir de exemplos dessa autora, mostram que a leitura existencial aparece em sentenças com aspecto genérico e a leitura genérica em sentenças episódicas.

47. De tarde, vendem sorvete na esquina. (=leitura existencial)

48. Ontem, nesta cidade, celebraram o dia do trabalho. (=leitura genérica)

De um modo geral, o que parece licenciar a leitura genérica é a presença de um locativo, como (46) e (48) mostram. Na ausência desse elemento, a leitura de verbos flexionados para a 3ª pessoa do plural é sempre existencial.

Nessa estratégia, o sujeito é quase sempre nulo, mas pode ser expresso em casos de leitura genérica. Observe (49) e (50), abaixo, que são versões de (47) e (48) com pronomes expressos. (49) perde a leitura existencial que apresentava em (47) quando um pronome foneticamente realizado é adicionado à sentença. Nessa versão, (49) só pode ter leitura dêitica, isto é, o pronome refere a pessoas definidas. Por sua vez, (50) continua a ter a leitura genérica, além de passar a ter dêitica também.

49. De tarde, eles vendem sorvete na esquina. (dêitica, \*impessoal)

50. Ontem, nesta cidade, eles celebraram o dia do trabalho. (dêitica e impessoal)

Será que somente nos usos genéricos o sujeito pode ser expresso nessa estratégia impessoal? Parece que sim. Se usarmos uma classificação mais refinada dos dados, em que as várias matizes entre leituras existenciais e genéricas são levadas em contas, veremos que somente na leitura genérica o pronome é amplamente aceito nessa estratégia impessoal.

Cabredo-Hofherr (2003:23) separa as sentenças impessoais com verbo flexionado na 3ª pessoa do plural em 5 tipos, que apresentamos abaixo<sup>9</sup>. Os exemplos em (51) são traduzidos da autora ou inspirados nos seus exemplos originais.

51. *Leitura existencial específica (ancorada no tempo)*

a. Estão batendo na porta.

*Leitura existencial vaga (não ancorada no tempo)*

b. Encontraram uma motocicleta no pátio.

*Leitura existencial inferida (inferida de um resultado)*

c. Comeram mariscos aqui.

*Leitura corporativa (predicados com um tipo específico de sujeito)*

d. Voltaram a aumentar a gasolina.

e. Planejam adiar as eleições.

*Leitura universal (licenciada por um locativo)*

f. Na China falam chinês.

<sup>9</sup> Aqui, definimos brevemente essas leituras, com base nos exemplos utilizados: As sentenças de (51a) a (51c) exemplificam as leituras existenciais. As qualificações ‘específica’, ‘vaga’ e ‘inferida’ se relacionam com o fato de que, para (51a), há a leitura de que uma ou mais pessoas bateu/bateram na porta em um momento em que o falante está presente. Para a sentença (51b), há uma leitura vaga porque o falante, possivelmente, não estava presente quando a motocicleta foi encontrada no pátio. Finalmente, para (51c), a leitura de que uma ou mais pessoas comeram mariscos é inferida porque o falante vê, por exemplo, restos de mariscos na mesa. A leitura corporativa, exemplificada pelas sentenças em (51d) e (51e), ressalta que quem toma decisões exemplificadas por predicados como ‘aumentar a gasolina’ e ‘adiar as eleições’ são, geralmente, corporações. Por fim, a leitura universal é genérica. Nesse tipo de sentença impessoal, ela só é licenciada na presença de um locativo, como (51f) mostra.

Os dados em (52) são versões de (51) com um sujeito expesso. Eles ilustram que, embora o PB esteja passando por mudanças no parâmetro do sujeito nulo, não é toda estratégia impessoal que pode aparecer com um sujeito manifesto. Mais precisamente, as três leituras existenciais (ancorada no tempo, não ancorada no tempo e inferida de um resultado) são perdidas em presença de um pronome foneticamente realizado. Em relação às leituras chamadas de corporativas por Cabredo-Hofherr (que são existenciais porque excluem o falante), os julgamentos de falantes consultados são mistos. De forma geral, contudo, os falantes julgam (52d) e (52e) como marginais. Finalmente, em relação à leitura universal, a sentença (52f) é julgada como bem-formada tanto nas leituras dêitica quanto impessoal.

- |        |  |                        |
|--------|--|------------------------|
| 52. a. | Eles estão batendo na porta.               | (dêitica, *impessoal)  |
| b.     | Eles encontraram uma motocicleta no pátio. | (dêitica, *impessoal)  |
| c.     | Eles comeram mariscos aqui.                | (dêitica, *impessoal)  |
| d.     | Eles voltaram a aumentar a gasolina.       | (dêitica, *?impessoal) |
| e.     | Eles planejam adiar as eleições.           | (dêitica, *?impessoal) |
| f.     | Na China eles falam chinês.                | (dêitica, impessoal)   |

De uma forma geral, esses dados corroboram a hipótese de Cabredo-Hofherr de que a morfologia de 3ª pessoa do plural nesses casos não equivale à de morfologia de 3ª pessoa nas sentenças com interpretação dêitica. Quando o pronome ‘eles’ é utilizado, a morfologia verbal é interpretada como tendo traços de pessoa e número. Disso, decorrem as diferenças de interpretação que aparecem quando o pronome de 3ª pessoa é manifesto.

## 5. SUJEITO IMPESSOAL ZERO NO PB: IMPESSOAIS NULAS EXISTENCIAIS

### 5.1. Caracterização de impessoais nulas existenciais

Esta seção vai tratar de dados como (53), que chamo aqui de impessoais nulas existenciais. Como o nome sugere, as impessoais nulas existenciais têm um sujeito nulo com uma leitura existencial. Além disso, nessas sentenças, o verbo está marcado para a 3ª pessoa do singular e não há qualquer marcação gramatical que veicule impessoalidade.

53. Aqui vende cachorro quente.

Assim, em (53), se diz que existe uma ou mais pessoas que vende(m) cachorro quente em um determinado lugar. A referência a essa(s) pessoa(s) exclui o falante e o ouvinte, portanto não se trata de um sujeito nulo genérico, como muitas vezes se trata o sujeito nulo dessa sentença na literatura.

A segunda característica importante de impessoais nulas simples é a seleção verbal, exemplificada nos dados abaixo de Carvalho (2016). Eles mostram que verbos inacusativos, como ‘nascer’ e ‘crescer’ em (54) e (55), e verbos *individual-level*, como ‘saber’ em (56), não são licenciados nessas sentenças.

54. ??Nesse hospital nasce rápido.

55. \*Nessa fazenda cresce tranquilamente.  
 56. \*Nessa escola sabe matemática.  
 57. Nessa escola ensina matemática.

Somente verbos transitivos *stage-level* são possíveis nessas sentenças, como ‘vender’, em (53) e ‘ensinar’ em (57). À primeira vista, então, a restrição que parece existir nessas sentenças é a de que o pronome nulo receba o papel temático de agente.

Isso, contudo, entra em confronto com outra característica dessas sentenças: o não-licenciamento ou o licenciamento marginal de uma série de elementos que apontariam a presença sintática de um agente nessas sentenças, como os dados de (58) a (62), abaixo, mostram.

58. %Naquela escola de culinária prepara doce para agradar a vizinhança.  
 59. \*Na feira não escuta a si mesmo.  
 60. \*Aqui conserta sapato com orgulho/com felicidade.  
 61. \*Na sala de aula levanta a mão.  
 62. \*Aqui conserta sapato bêbado/irritado. (Rodrigues 2004: 71)

(58) mostra que cláusulas de propósito são licenciadas marginalmente. Isso é esperado, levando em conta que mesmo sentenças inacusativas podem licenciar esses elementos. Com base nisso, Williams (1985) afirma que propriedades do evento bem como elementos contextuais podem ser parte da aceitabilidade de orações de propósito em sentenças que não têm argumento externo<sup>10</sup>. (59) mostra que uma anáfora, como ‘a si mesmo’ não é licenciada. (60) mostra que advérbios orientados para o sujeito também não são licenciados. (61) ilustra o não-licenciamento de um DP denotando parte do corpo. DPs desse tipo são licenciados por um DP denotando um humano que os c-comande, como em ‘O menino levantou a mão’. Finalmente, (62), retirado de Rodrigues (2004), ilustra que predicados secundários também não são licenciados.

É importante ter em mente que o conjunto de sentenças de (58) a (62) é agramatical levando em conta os ingredientes das impessoais nulas existenciais. Sentenças impessoais nulas existenciais têm um sujeito interpretado existencialmente e descrevem eventos que acontecem habitualmente. Dito de outro modo, uma sentença como ‘Aqui vende cachorro quente’ significa ‘nesse lugar habitualmente uma ou mais pessoas vendem cachorro quente’.

Esse esclarecimento se faz necessário porque o licenciamento dos elementos acima passa a ser possível em uma interpretação deôntica para essas sentenças, que não coincide com a interpretação que discutimos aqui. Por exemplo, um parecerista anônimo oferece o seguinte exemplo: ‘Na minha escola, na sala de aula, levanta mão para pedir a palavra, e fica de pé para falar’. Veja que, nessa sentença, passamos a descrever normas, não mais eventos que acontecem habitualmente. A sentença oferecida pelo parecerista é gramatical mesmo que um aluno nunca tenha levantado a mão para falar, por exemplo. Essa sentença é um exemplo da classe de impessoais nulas modalizadas, que não está descrita aqui.

<sup>10</sup> Um dos exemplos de Williams (1985) é o seguinte: ‘The boat sank in order to impress the queen and move her to murder her husband by the end of Act III.’ (Williams 1985:311)



É recorrente também que os falantes considerem uma sentença como (59) aceitável caso ela esteja no imperativo. Repare que, no imperativo, mais uma vez estamos lidando com uma interpretação deôntica, como (63) mostra.

63. Na feira não escuta a si mesmo! = Na feira não dá/não é possível escutar a si mesmo!

Fica claro, então, que a interpretação em (63) é incompatível com a interpretação relevante, discutida em torno dos dados em (58)<sup>11</sup>. Na interpretação relevante, esses elementos não são licenciados em impessoais nulas existenciais.

Isso estando estabelecido, chegamos aparentemente a um impasse nesse ponto inicial de descrição dessas sentenças. A seleção verbal indica que o pronome nulo é um agente, mas os testes que indicariam a presença de um agente resultam em sentenças agramaticais. Uma possibilidade é, então, pensar que o agente dessas sentenças só está presente semanticamente, isto é, ele pode ter sido licenciado no léxico, por exemplo. Isso explicaria, ao mesmo tempo, a seleção verbal (*cf.* (53) a (57)) e a incompatibilidade dos elementos de (58) a (62), que pressupõem um constituinte sintático.

Um teste relevante para testar essa hipótese é o de alçamento de possuidor. No PB, esse fenômeno só é possível com sentenças sem argumento externo, como inacusativas. A alternância em (64) ilustra que é possível partir DPs que expressam a relação parte-todo (*o pé da mesa*) caso o verbo seja inacusativo. A alternância exemplificada em (64a) e (64b) também ilustra que o argumento alçado vai para a posição de Spec,TP, dado que concorda com o verbo.

64. a. Os pés das mesas quebraram.

b. As mesas quebraram o pé.

O mesmo fenômeno não acontece com verbos transitivos, como (65) mostra. A única interpretação possível para (65b) é a de que ‘a mesa’ é um tópico. (65b) também ilustra que o constituinte ‘os meninos’ concorda com o verbo nesse caso.

65. a. Os meninos quebraram os pés das mesas.

b. \*As mesas os meninos quebraram os pés.

Considerando os dados em (65), a razão do banimento do alçamento de possuidor em sentenças transitivas fica clara: o possuidor alçado teria que competir com o argumento externo para concordar com o verbo. O argumento externo ganha a competição.

Vejamos em (66) como as impessoais nulas se comportam em relação a esse teste. Em (66a), temos a versão sem alçamento de possuidor. (66b) e (66c) são versões dessa sentença com alçamento de possuidor. As duas versões mostram que as sentenças são agramaticais, independentemente da posição do locativo – se preposto ou posposto.

<sup>11</sup> Em outros trabalhos, defendemos que há três tipos de impessoais nulas, (53) é um exemplo de impessoal nula existencial, há ainda impessoais nulas modalizadas, que têm interpretação deôntica, e impessoais nulas genéricas. O último subtipo será discutido brevemente ao fim desta seção, mas limitações de espaço nos impedem de abordar todas as suas características, bem como abordar impessoais nulas genéricas satisfatoriamente. O leitor interessado pode consultar Carvalho (2018a,b) e Carvalho (2019a,b) para descrições dos três tipos, em conjunto ou isoladamente.

66. a. Aqui conserta torneira de banheiro.  
 b. \*(Aqui) banheiro conserta torneira.  
 c. \*Banheiro conserta torneira aqui.

Esse resultado indica que as impessoais nulas existenciais se comportam como sentenças transitivas. Assim, o alçamento de possuidor não é possível em (66) porque há uma competição entre o argumento externo, que é o candidato ideal para concordar com o verbo, e o possuidor alçado. Portanto, o argumento externo de impessoais nulas é presente na sintaxe.

Uma ideia plausível para dar conta da disparidade entre a presença de um agente, atestada pela seleção verbal nos dados entre (53) e (57), e o não-licenciamento de elementos que acusam a presença sintática desse agente, como vimos de (58) a (62), é assumir que esse pronome é subespecificado. Como vimos na discussão sobre outras estratégias acima, é muito comum que pronomes impessoais sejam subespecificados. Vimos, por exemplo, que a estratégia impessoal em que o verbo aparece flexionado para 3ª pessoa do plural é subespecificada para número. No entanto, a maioria dos pronomes impessoais mantém sua especificação de pessoa, o que assegura que eles licenciem, na sintaxe, reflexivos, advérbios orientados para o sujeito, cláusulas de propósito, além de outros elementos. O pronome que ora investigamos parece ser menos especificado que os demais. Crucialmente, falta a ele o traço de pessoa, o que explica por que ele não seleciona nenhum dos elementos nas sentenças de (58) a (62).

Como interpretamos esse pronome se ele não parece ser especificado para pessoa? Possivelmente, esse pronome usa expedientes sintáticos para que seja interpretado como exclusivamente referente a um humano. A seleção verbal, discutida com base nos dados de (53) a (57), parece estar relacionada a isso. A discussão em torno desses dados mostra que o pronome só é licenciado na posição de argumento externo de verbos transitivos *stage-level*. Esses são os verbos que selecionam um argumento externo com papel temático de agente. Levando em conta essa restrição, a interpretação humana desse pronome fica clara: é uma interpretação contextual, já que o pronome não tem os traços necessários para ter essa interpretação. Dito de outro modo, esse pronome é -licenciado em uma posição em que a única interpretação possível é a de agente. Essa estratégia permite que ele seja interpretado como ‘humano’, mesmo que seja deficitário o suficiente para ter essa interpretação.

Nas seções 5.2 e 5.3, discutimos outras abordagens para as impessoais nulas existenciais, bem como problemas para essas análises alternativas.

## 5.2. Sujeito nulo em impessoais nulas existenciais vs. sujeito nulo referencial

Frequentemente (e.g., Galves 2001, Kato 1999, Holmberg 2005, Holmberg, Nayudu & Sheehan 2009, Modesto, 2008, Pilati, Naves e Salles, 2017 e Barbosa 2019, entre outros), os dados em (67) e (68) são tomados como indício de que o sujeito de impessoais nulas existenciais e o sujeito nulo referencial são a mesma categoria, porque eles estão, aparentemente, em distribuição complementar.

67. *Dados sobre o sujeito nulo referencial*  
 a. \*Vende vela.  
 b. João disse que vende vela.

68. *Dados sobre o sujeito em impessoais nulas existenciais*

- a. Nessa loja vende vela.
- b. João disse que nessa loja vende vela.

(67a) mostra que o sujeito nulo referencial não pode ocorrer em sentenças matrizes. Tal tipo de sujeito só é licenciado em sentenças encaixadas, caso seja c-comandado por um sujeito referencial na oração matriz, como mostra (67b). Já as sentenças em (68) mostram um comportamento inverso: nesse caso, o sujeito nulo pode ocorrer em sentenças matrizes, como (68a) mostra. De acordo com a literatura, esse sujeito aparece em sentenças encaixadas somente se o locativo estiver frontado, como se vê em (68b).

A partir desses contrastes, várias abordagens da literatura argumentam por um elemento comum que dê origem às leituras referenciais e não-referenciais do sujeito nulo. Esse elemento comum pode ser PRO ou um elemento nulo que se comporte como PRO (Galves 2001, Kato 1999), um pronome mínimo (Barbosa 2019) ou *pro* (Modesto 2008). Em abordagens em que uma mesma categoria vazia é responsável por derivar os sujeitos nulos referencial e impessoal de 3ª pessoa, os dados em (67) e (68) podem ser interpretados da seguinte forma. O sujeito nulo só terá interpretação referencial se estabelecer uma relação anafórica com um antecedente, motivo pelo qual (67a) é agramatical nessa leitura, mas (67b) é bem-formada. Por outro lado, o sujeito nulo impessoal é uma leitura arbitrária default que estaria disponível ao sujeito quando ele não entra em uma relação anafórica com nenhum elemento antecedente. Por essa razão, o sujeito nulo impessoal é possível em sentenças matrizes, como (68a) e só seria possível em encaixadas quando um elemento não-argumental satisfaz EPP, evitando uma relação anafórica entre o sujeito referencial da oração subordinante e o sujeito nulo.

Todavia, a distribuição complementar entre sujeitos nulos impessoal e referencial não é verdadeira, o que coloca sob suspeita a hipótese de um elemento comum originando as duas leituras. O sujeito da sentença encaixada em (69), por exemplo, pode tanto ter a leitura referencial quanto a não-referencial (i.e. impessoal). Note que em (69) o adjunto locativo não está frontado. O frontamento desse elemento não é, então, necessário para que a leitura impessoal do sujeito nulo apareça.

69. João disse que vende vela naquela loja.

Além disso, se observarmos outras características discutidas acima para as impessoais nulas existenciais, tais como seleção verbal (dados de (53) a (57)), não-licenciamento de elementos que apontam a presença de um agente sintático (dados de (58) a (62)), fica clara a diferença desses dois pronomes em termos de traços-phi. Mais especificamente, o pronome referencial de 3ª pessoa, tanto em sua versão nula ou foneticamente realizada, possui traços de pessoa e número especificados, porque licencia anáforas, dentre outros elementos. Em contraste, o pronome nulo impessoal não possui nenhum desses traços. Isso é detectável pelo fato de ele não licenciar elementos que dependem do traço de pessoa e por ser subespecificado para número (podendo se referir tanto a uma só pessoa quanto a mais de uma).

### 5.3. Inversão locativa em impessoais nulas existenciais?

Nesta seção, discutimos outra abordagem para essas sentenças. Nesse caso, leva-se em conta a presença compulsória de um adjunto locativo nessas sentenças. Isso também já foi notado em trabalhos anteriores tanto de uma forma auxiliar, para argumentar que o locativo

satisfaz EPP em (68b), como discutimos acima, quanto para argumentar em relação a uma possível similaridade estrutural entre línguas bantu e o PB (*cf.* Avelar e Cyrino 2008, por exemplo, e trabalhos seguintes). Em relação a essa última tendência de análise, é assumido, em alguns trabalhos, que o PB estaria usando a estratégia de inversão locativa de forma mais generalizada do que normalmente se vê em línguas românicas e germânicas.

A estratégia de inversão locativa nas línguas românicas e germânicas é geralmente usada quando há foco/apresentação de um constituinte. Isso é exemplificado pela sentença em (70), em que se quer enfatizar uma informação nova, no caso, as torres e espirais de uma cidade.

70. In the distance appeared the towers and spires of a town which greatly resembled Oxford.

‘À distância apareciam as torres e espirais de uma cidade que parecia muito Oxford’

(Levin e Rappaport-Hovav 1994: 218)

De modo análogo, línguas bantu também possuem inversão locativa, como mostrado em (71)<sup>12</sup>. Contudo, em casos de inversão locativa em algumas línguas bantu, há concordância com o sintagma locativo. (71) ilustra precisamente tal fenômeno, já que tanto o verbo ‘entrar’ quanto o sintagma locativo cujo núcleo é ‘casa’ estão marcados com um morfema pertencente à classe 18, compartilhando traços. Já o sintagma cujo núcleo é ‘pessoa’ pertence à classe 2, distinta do verbo e do locativo. Perceba, ainda, que o que estamos chamando de sintagma locativo não tem preposição, nesse caso.

71. Otjherero

*mò-ngàndá mw-á-hítí òvá-ndu*

18-9.casa C18-PRF-entra 2-pessoa

‘Dentro da casa entram (os) convidados.’

Lit.: ‘A casa entra gente.’ (Avelar 2019:68)

Para Avelar, esse dado poderia ser comparado a dois tipos sentenciais do PB, exemplificados em (72) e (73). Dados como (71) e (72) seriam comparáveis, já que o fato de o locativo anteceder o verbo, em (72), seria comparável à derivação em (71), em que o DP com um nome indicando um local tem estatuto de sujeito. Esse paralelo é estendido também a dados como (73)<sup>13</sup>.

72. Naquele hospital atende crianças mais velhas. (Avelar 2019:65)

73. Aquele hospital atende crianças mais velhas. (Avelar 2019:65)

<sup>12</sup> Exemplo, glosa e tradução de Avelar (2019).

<sup>13</sup> Essa assunção se dá porque o autor compara rapidamente essas sentenças no PB com dados da língua Changana e do português moçambicano, em que constituintes aparentemente preposicionados na posição de sujeito foram reanalisados. Isto é, em uma sentença como ‘Na minha casa é perto da estrada’, embora a preposição ‘em’ possa ser reconhecida, ela estaria inativa, porque foi reanalisada como parte do sintagma nominal. ‘Na minha casa’, nesse caso, equivaleria, em PB, a um sintagma como ‘A minha casa’.

Embora concordemos que ‘naquele hospital’ não seja um argumento do verbo ‘atender’, a comparação entre (72) e (73) nos parece indevida. Como vimos argumentando, há uma interpretação existencial para o pronome nulo em (72). Esse pronome ocupa a posição de argumento externo de verbos transitivos, portanto a sentença em (72) tem um elemento não foneticamente realizado, que é computado na sua interpretação. Esse não é o caso de (73), em que todos os argumentos estão foneticamente realizados<sup>14</sup>. Isto é, ‘aquele hospital’ em (73) é o argumento externo do verbo ‘atender’, não é um adjunto locativo comparável com ‘naquele hospital’ em (72). Passamos a explicitar por que ‘aquele hospital’ é argumento externo em (73) abaixo.

‘Atender’ s-seleciona um argumento externo humano, mas sabemos que lugares em que humanos trabalham podem ser associados a eles por metonímia. Em uma sentença análoga a (73) como ‘Essa firma não paga direito’, a firma, literalmente, não pode pagar ninguém; só as pessoas que trabalham na firma é que podem pagar alguém. Essa relação metonímica entre local e pessoas que frequentam ou moram no local é pervasiva nas línguas<sup>15</sup> não somente na posição de sujeito, mas em todas as posições sintáticas possíveis, como os constituintes grifados em (74) ilustram.

74. a. O João não respeita *o hospital* em que trabalha. Ontem ele brigou com mais uma funcionária.  
 b. O João não deu satisfação para *o hospital* sobre a falta dele na quarta-feira.  
 c. O João vai entrar na justiça com *o hospital* contra o governo.

Em todos os casos em (74), o hospital está em uma relação metonímica com pessoas (que trabalham, estão ou representam o hospital), independentemente da posição sintática em que ocorrem. Em (74a), essa relação se estabelece na posição de objeto direto, em (74b), na posição de objeto indireto e, em (74c), na posição de adjunto. Veja que se estendêssemos a hipótese de Avelar sobre a constituição sintática de (73) para os exemplos em (74), provavelmente assumiríamos que há uma possibilidade generalizada de trocar argumentos por locativos em PB, em qualquer posição sintática possível. Ficaria a questão de como essas sentenças são interpretadas se os argumentos selecionados semanticamente pelo verbo estão sendo substituídos por expressões locativas aparentemente não-argumentais. Em suma, tanto (73) quanto (74) são casos em que o sintagma nominal com um local como núcleo estabelece uma relação metonímica com as pessoas que habitam o local.

Mais uma evidência de que ‘aquele hospital’ é o argumento externo de ‘atender’ em (73) é exemplificada pelo contraste entre (75) e (76).

75. #Aquele campo de futebol ensina matemática para as crianças.

<sup>14</sup> Como Andrés Saab (comunicação pessoal) nota, (73) é uma sentença bem-formada em espanhol.

<sup>15</sup> Veja, por exemplo, esta sentença: Hospitals have warned, disciplined and even fired staff members who went public with workplace concerns about coronavirus precautions. (<https://www.nytimes.com/2020/04/09/business/coronavirus-health-workers-speak-out.html>. Acesso em 21/07/2020, às 10h41min) ‘Hospitais avisaram, suspenderam e até mesmo despediram empregados que se manifestaram publicamente sobre medidas de precaução em relação ao coronavírus no ambiente de trabalho.’ Nesse caso também, ‘hospitais’ está em uma relação metonímica com os funcionários do hospital que advertiram, suspenderam ou despediram outros funcionários que se manifestaram publicamente sobre o coronavírus no local de trabalho.

76. Aquela escola ensina matemática para as crianças.

(75) é semanticamente malformada porque a conexão entre campo de futebol e professores de matemática pertencendo a um campo de futebol (trabalhando nele ou gerenciando-o de alguma forma) é improvável. Já (76) é bem-formada porque é provável interpretar professores de matemática como parte da escola. Se ‘aquele campo de futebol’ e ‘aquela escola’ fossem adjuntos sem preposição, não teríamos como explicar essa má-formação semântica de (75).

(77) e (78) mostram que, quando esses SNs são efetivamente parte de adjuntos, sentenças similares às discutidas acima são bem-formadas.

77. O João ensina matemática para as crianças naquele campo de futebol.

78. O João ensina matemática para as crianças naquela escola.

Em suma, fizemos essa breve discussão para reforçar a ideia de que (72) e (73) não são comparáveis. Também fica claro nessa discussão que a possibilidade de sintagmas como ‘aquele hospital’ em sentenças como (73) não é um fenômeno comparável ao dado em (71) da língua Otjherero. Por fim, a possibilidade de ‘Aquele hospital’ ser um sujeito em (73) não é um fenômeno gramatical que revela particularidades sintáticas das línguas; é tão somente uma característica de interpretação metonímica do sistema conceptual-intencional.

Desfeita a possibilidade de comparação entre (72) e (73), concentramo-nos exclusivamente em (72), já que é o dado em que efetivamente há uma interpretação impessoal. Essa sentença é repetida abaixo como (79).

79. Naquele hospital atende crianças mais velhas. (Avelar 2019:65)

Se tratarmos (79) como um caso de inversão locativa, a sentença, do ponto de vista de seleção de argumentos, teria ‘crianças mais velhas’ como argumento externo e ‘naquele hospital’ como um adjunto. Embora esse arranjo de argumentos e adjuntos não seja improvável (‘Crianças mais velhas atendem naquele hospital’), a interpretação desta sentença e de (79) são fundamentalmente diferentes. Como vimos, (79) tem a interpretação de que alguém desconhecido atende crianças. ‘Crianças mais velhas atendem naquele hospital’, por sua vez, tem a interpretação de que as crianças atendem pessoas em geral naquela loja. Portanto, mais provável do que assumir que haja uma inversão locativa em (79) é assumir que o verbo concorda com o pronome impessoal nulo. É isso que assumimos neste trabalho. Em suma, nem ‘Naquele hospital atende crianças mais velhas’ nem ‘Aquele hospital atende crianças mais velhas’ poderiam ser tratados como evidência de inversão locativa. Esse locativo deve ser tratado como um adjunto na análise de (72) e como um DP argumental em (73).

Contudo, fica ainda por explicar a obrigatoriedade desse elemento locativo na sentença (79) e em vários outros exemplos que demos de impessoais nulas existenciais na seção 5. Argumentamos em trabalhos anteriores (Carvalho 2016, Alexiadou e Carvalho 2017, Carvalho 2019) que essa expressão locativa é especial no sentido de ser selecionada pelo VP. Isto é, essa leitura impessoal só existe se o locativo incidir sobre o evento todo (Maienborn 2001) e veicular uma localidade fixa onde se desenrola todo o evento, daí o uso da preposição ‘em’, por excelência<sup>16</sup>. Assim, se usássemos uma relação locativa como que não especifica um local fixo

<sup>16</sup> Um(a) parecerista anônimo(a) observou que outras preposições, além da preposição ‘em’, podem ser licenciadas em impessoais nulas, como o exemplo (i) mostra.

onde toda a ação se desenrolou, a leitura impessoal não seria gerada. Contraste, por exemplo, (80a) e (80b).

80. a. Naquele hospital atende crianças mais velhas. (=72 e 79)  
 b. \*Daquele hospital atende crianças mais velhas.

Embora seja um adjunto, como discutimos acima, esse elemento locativo é selecionado. Perceba que o fenômeno da inversão locativa não tem essa restrição (ver os dados em (70) e (71), por exemplo), o que diferencia mais uma vez as sentenças em estudo de fenômenos de inversão locativa em línguas africanas.

Outra característica digna de nota desse locativo é o fato de ele ter de ser, necessariamente, específico, daí a diferença de julgamento que falantes apresentam em relação a sentenças como (81a) e (81b).

81. a. Na casa atende crianças mais velhas.  
 b. Na casa da Maria atende crianças mais velhas.

A baixa aceitabilidade de sentenças como (81a) é às vezes reportada como uma variabilidade de aceitabilidade desse tipo de sentencial de uma forma mais geral. Embora concordemos que a aceitabilidade de impessoais nulas existenciais possa ser variável, a baixa aceitabilidade de (81a) se deve, em grande parte, ao fato de que o falante não consegue atribuir especificidade ao PP, já que não há demonstrativos como na maioria dos dados ou mesmo um possuidor para o nome ‘casa’, elementos que cumpririam essa função de especificidade.

Levando em conta esses dados, concordamos com Reis e Quarezemin (2019) que o local de pouso desse locativo é na posição SubP, sujeito da predicação. Essa posição, postulada por Cardinaletti (2004), serve como um núcleo criterial que atrai elementos com a propriedade interpretativa de sujeito da predicação. É importante salientar o sintagma ‘propriedade interpretativa’ na definição acima. Essa posição não está ligada à checagem de traços- $\phi$  e Caso, portanto é plausível que um elemento locativo, que já tem seu Caso checado, suba para tal posição. Com algumas adaptações, reproduzimos abaixo a estrutura sintática defendida pelas autoras:

82. a. [<sub>SubjP</sub> Na cantina da escola<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro* vende [<sub>VP</sub>  $t_i$  empadinha]]]  
 b. [<sub>SubjP</sub> *PP<sub>loci</sub>* [<sub>TP</sub> *pro* verbo [<sub>VP</sub>  $t_i$  DP]]] (Reis e Quarezemin 2019:82, adaptado)

Para fomentar a ideia de que esses locativos sobem para essa posição, oferecemos os exemplos em (83), que ilustram que esses locativos só podem ser fronteados em sentenças flexionadas. (83a) mostra esse fronteamento em sentenças flexionadas. (83b), por outro lado, mostra que esse fronteamento é agramatical se a sentença encaixada for infinitiva. Finalmente, (83c) ilustra que um modo de melhorar a sentença (83b) é colocar o locativo no final da oração.

83. a. João disse que naquela loja vende vela.

---

(i) Dentro do hospital atende crianças mais velhas, dentro do ambulatório, atende as crianças mais novas. Nesse caso também, a preposição indica um local fixo em que todo o evento se desenrola.

b.\* João disse naquela loja vender vela.

c. João disse vender vela naquela loja.

Como esses dados ilustram a subida do locativo para a projeção SubjP? Em (83a), o núcleo SubjP está disponível e ‘naquela loja’ pode subir a essa posição. O mesmo não acontece quando a sentença é infinitiva. Nesse caso, ela possui uma estrutura funcional truncada até T, sem projeções mais altas da periferia esquerda (*cf.* Chomsky 2001). Consequentemente, a projeção SubjP não está disponível e o movimento que vemos em (83b) é indevido. Portanto, a única ordem possível para o adjunto locativo nesse caso é exemplificada em (83c). Se esse locativo estivesse em Spec,TP, não haveria motivo para a má-formação de (83b), assumindo que essa posição exista em sentenças infinitivas.

#### 5.4. Outros tipos de impessoais nulas

Por último, vamos mencionar as impessoais nulas genéricas, somente para ilustrar que muitos dados são tratados somente como uma grande parte de impessoais nulas, mesmo que possuam elementos divergentes. (84) e (85) são exemplos de impessoais nulas genéricas.

84. Como faz a calda do doce?

85. Estacionou, pagou.

Em (84), temos uma única oração, já, em (85), temos uma estrutura condicional, composta de duas orações. Em (84), pergunta-se qual é a regra para se fazer o doce. (85) também se refere a uma regra: uma vez que alguém tenha estacionado, terá que pagar. Como se referem a regras, essas sentenças são genéricas. Dessa forma, a morfologia do verbo em (85) está só aparentemente no passado. Veja que essa sentença não se refere a um acontecimento passado em que alguém estacionou e pagou.

Discutimos anteriormente que os elementos locativos em impessoais nulas existenciais não satisfazem EPP, como várias análises assumem. Mesmo que satisfizessem, dados como (84) e (85) não poderiam corresponder a essa análise, já que, diferentemente de impessoais nulas existenciais, não possuem um elemento locativo obrigatório. Esses dados merecem, então, um outro tratamento (*cf.* Carvalho 2018a, Carvalho 2019b para algumas descrições iniciais). De qualquer forma, eles reforçam que o estatuto de sujeitos nulos impessoais e referenciais é diferente. Se fossem a mesma categoria, (84) e (85) deveriam ser sentenças ambíguas, o que não é o caso.

## 6. CONCLUSÃO

Este texto explorou várias características de sentenças impessoais do PB, por vezes cotejando-as com as de outras línguas românicas. Embora fique claro que essas estratégias são bem diversas umas das outras, um paralelismo que pode ser firmado entre os vários tipos de sentenças impessoais já foi notado na literatura: pronomes impessoais são geralmente subespecificados para algum traço-phi e/ou dependentes de elementos como tempo e aspecto. Essas características de pronomes impessoais podem, inclusive, apontar mudanças estruturais na língua, como vimos no caso de impessoais nulas, em que o pronome parece ser radicalmente



subespecificado. No Quadro 1, há um resumo das principais características de cada tipo, que permite um contraste rápido entre as características.

Estratégia impessoal	Leitura existencial	Leitura genérica	Traços-phi
‘Se’-impessoais	Sim – dependente da combinação de tempo e aspecto	Sim – dependente da combinação de tempo e aspecto	Pessoa, sem traço de número.
Pronomes pessoais	Não	Sim – só são compatíveis com o tempo presente e aspecto genérico	Pessoa e número (possuem a mesma especificação de quando são usados como dêiticos)
Verbo flexionado para a 3ª pessoa do plural	Sim - independente da combinação de tempo e aspecto	Sim – dependente de um locativo	Traços nominais – sem traço de número, especificado para pessoa <sup>17</sup>
Impessoais nulas existenciais	Sim – compatíveis com tempo presente e aspecto habitual.	Não	Radicalmente subespecificada – sem traços de pessoa e número.

Quadro 1: Sumário das características das sentenças impessoais estudadas

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexiadou, Artemis e Janayna Carvalho. 2017. The role of locatives in (partial) pro-drop languages, em Michele Sheehan e Laura Bailey (eds.) *Order and structure in syntax II: subjecthood and argument structure*, Berlin Language Science Press: 41-67.
- Avelar, Juanito e Sônia Cyrino. 2008. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro, em *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3:55-75.
- Avelar, Juanito. 2019. Sobre o papel do contato linguístico nas origens do português brasileiro, em Charlotte Galves, Mary Kato e Ian Roberts (eds). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP: 57-92.
- Barbosa, Pilar, Mary Kato e Maria Eugênia Duarte. 2003. Sujeitos indeterminados em PE e PB, em *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Universidade Federal de Goiás: 405-409.
- Barbosa, Pilar. 2019. *pro* as a Minimal *nP*: Toward a unified approach to pro-drop, em *Linguistic Inquiry*, 50(3): 487-526.
- Cabredo-Hoffherr, Patrícia. 2003. Arbitrary reading of 3PL pronominals, em Matthias Weisgerber (ed.) *Proceedings of the Conference “sub7–Sinn und Bedeutung”*. Arbeitspapier Nr. 114, FB Sprachwissenschaft, Alemanha, Universität Konstanz: 81-94.
- Cardinaletti, Anna. 2004. Towards a cartography of subject positions, em Luigi Rizzi (ed.) *The structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures*, Oxford and New York: Oxford University Press, vol. 2.:115-165.
- Carvalho, Janayna. 2016. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva*. Tese de Doutorado, Universidade de São

<sup>17</sup> Cabredo-Hoffherr se refere a essa especificação da estratégia impessoal de verbos flexionados para a 3ª pessoa do plural como +humano. Como trabalhamos com traços-phi importantes para a computação sintática. Usamos a nomenclatura de traços de pessoa, nesse caso.

- Paulo. São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26082016-142257/pt-br.php>
- Carvalho, Janayna. 2018a. Diferentes tipos de sujeitos nulos, em *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 16: 78-107.
- Carvalho, Janayna. 2018b. PRO é o sujeito nulo em (algumas) sentenças do português brasileiro: um estudo de caso das impessoais nulas modalizadas, em *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, 4: 35-44.
- Carvalho, Janayna. 2019a. Incorporated subjects in Existential Impersonal Sentences in Brazilian Portuguese, em Anne C. Wolfsburger, Peter Herbeck e Bernhard Poll (eds.) *Semantic and syntactic aspects of impersonality*, Hamburg, Buske: 47-70.
- Carvalho, Janayna. 2019b. Teasing apart 3rd person null subjects in Brazilian Portuguese, em Ingo Feldhausen, Martin Elsig, Imme Kuchenbrandt, Mareike Neuhaus. (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. 1ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 238-254.
- Cavalcante, Sílvia. 2006. *O uso de se com infinito na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos*. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas. Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270522>
- Cinque, Guglielmo. 1988. On *si* constructions and the theory of *arb*, em *Linguistic Inquiry*, 19(4): 521-581.
- Dobrovie-Sorin, Carmem. 1998. Impersonal *se* constructions in Romance and the passivization of unergatives, em *Linguistic Inquiry*, 29(3): 399-437.
- Chomsky, Noam. 2001. Derivation by phase, em Michael Kenstowicz (eds). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge: MIT Press: 1-52.
- Duarte, Inês. 2003. A família das construções inacusativas, em Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Faria, Sônia Frota, Fátima Oliveira, Gabriela Matos, Marina Vigário e Alina Villalva (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho: 507-548.
- Egerland, Verner. 2003. Impersonal pronouns in Scandinavian and Romance, em *Working papers in Scandinavian syntax*, 71: 75-102.
- Galves, Charlotte. 2001. A sintaxe do português brasileiro, em *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas, Editora da UNICAMP: 43-59.
- Holmberg, Anders. 2005. Is there a little *pro*? Evidence from Finnish, em *Linguistic Inquiry*, 36(4): 533-564.
- Holmberg, Anders, Aarti Nayudu e Michelle Sheehan. 2009. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi, em *Studia Linguistica*, 63(1): 59-97.
- Kato, Mary. 1999. Strong and weak pronominals in the null subject parameter, em *Probus*, 11(1): 1-38.
- Levin, Beth e Malka Rappaport-Hovav. 1994. *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Massachusetts: MIT Press.
- Lewis, David. 1975. Adverbs of quantification, em Edward Keenan (orgs.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press: 3-15.
- Lunguinho, Marcus e Paulo Medeiros Junior. 2009. Inventou um novo tipo de sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro, em *Revista de Estudos em Língua e Literatura* 9: 7-21.
- Maienborn, Claudia. 2001. On the position and interpretation of locative modifiers, em *Natural Language Semantics*, 9(2): 191-240.
- Malamud, Sofia. 2012. Impersonal indexicals: *one, you, man, and du*, em *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 15(1): 1-48.
- Modesto, Marcelo. 2008. Topic prominence and null subjects, em Theresa Biberauer (ed.) *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamin: 375-409.
- Naro, Anthony. 1976. The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese: A study in syntactic change as a surface phenomenon., em *Language*, 52(4): 779-810.
- Nunes, Jairo. 1990. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas. Campinas. Disponível em: [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270750/1/Nunes\\_JairoMorais\\_M.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270750/1/Nunes_JairoMorais_M.pdf)
- Ormazabal, Javier y Juan Romero. 2020. Deconstructing *se* constructions: number agreement and post-syntactic variation. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/005144>
- Pilati, Eloisa, Rozana Naves e Heloisa Lima-Salles. 2017. On the syntax of subjects in Brazilian Portuguese: using the 'SPLIT' pronominal system as the basis for an alternative analysis, em *Diadorim*, 19: 99-139.
- Pujalte, Mercedes. 2020. Patrones de concordancia en contextos de *se* no paradigmático, em *Cuadernos de la ALFAL* 12 (2): 332-356

- Pujalte, Mercedes e Andrés Saab. 2014. Sobre la interacción entre caso y concordancia en impersonales y pasivas con *se*, em *Traslaciones*, 1: 30–55.
- Raposo, Eduardo e Juan Uriagereka. 1996. Indefinite *se*, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 14(4): 749–810.
- Reis, Livia e Sandra Quarezemin. 2019. Posição SUBJP: o caso dos sujeitos locativos no português brasileiro, em *Revista Linguística*, 15: 69–87.
- Rizzi, Luigi. 1986. Null objects in Italian and the theory of pro, em *Linguistic Inquiry*, 17(3): 501–557.
- Rodrigues, Cilene. 2004. Impoverished morphology and A-movement out of Case domains. Tese de Doutorado, University of Maryland. Maryland. Disponível em: <http://ling.umd.edu/publications/122/>
- Saab, Andrés. 2020. Deconstructing voice. The syntax and semantics of *u*-syncretism in Spanish. A aparecer em *Glossa: A Journal of General Linguistics*. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/005301>
- Williams, Edwin. 1985. PRO and the subject of NP, em *Natural Language and Linguistics Theory*, 3(3): 297–315.